



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE ESTUDOS COSTEIROS - IECOS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE BRAGANÇA-PARÁ
FACULDADE DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

MARCELE SOUZA DOS REIS

**CARTOGRAFIA DO ADOECIMENTO EM MULHERES EXTRATIVISTAS
COSTEIRO-MARINHAS: um estudo sobre as marcas de trabalho e resistência em
Tamateua (Bragança -PA)**

BRAGANÇA-PA
2026

MARCELE SOUZA DOS REIS

**CARTOGRAFIA DO ADOECIMENTO EM MULHERES EXTRATIVISTAS
COSTEIRO-MARINHAS: um estudo sobre as marcas de trabalho e resistência em
Tamatateua (Bragança -PA)**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado
como requisito parcial para obtenção de grau
de Licenciatura Plena em Ciências Biológicas,
pela Unidade Federal do Pará.

Orientadora: Profa. Dra. Roberta Sá Leitão
Barboza

Coorientadora: Ma. Talita Abi Rios
Timmermann

BRAGANÇA-PA
2026

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

S719c Souza dos Reis, Marcele.
CARTOGRAFIA DO ADOECIMENTO EM MULHERES
EXTRATIVISTAS COSTEIRO-MARINHAS : um estudo sobre as
marcas de trabalho e resistência em Tamatatué (Bragança -PA) /
Marcele Souza dos Reis. — 2026.
49 f. : il. color.

Orientador(a): Prof^ª. Dra. Roberta Sá Leitão Barboza
Coorientador(a): Prof^ª. MSc. Talita Abi Rios Timmermann
Trabalho de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Pará,
Campus Universitário de Bragança, Faculdade de Ciências
Biológicas, Bragança, 2026.

1. mulheres extrativistas costeiro-marinhas. 2. Amazônia.
3. cartografia corporal. 4. saúde da mulher. 5. invisibilidade
laboral. I. Título.

CDD 613.62


MARCELE SOUZA DOS REIS

**CARTOGRAFIA DO ADOECIMENTO EM MULHERES EXTRATIVISTAS
COSTEIRO-MARINHAS: um estudo sobre as marcas de trabalho e resistência em
Tamatateua (Bragança -PA)**

Data de aprovação: 27/02/2026


Conceito: Excelente

BANCA EXAMINADORA:

Documento assinado digitalmente
 **ROBERTA SA LEITAO BARBOZA**
Data: 03/03/2026 13:56:15-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>


(Orientadora)

Profa. Dra. Roberta Sá Leitão Barboza - UFPA

Documento assinado digitalmente
 **TALITA ABI RIOS TIMMERMANN**
Data: 03/03/2026 10:54:40-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>


(Coorientadora)

Ma. Talita Abi Rios Timmerman - UFPA

Documento assinado digitalmente
 **KAROL VEIGA CABRAL**
Data: 03/03/2026 15:12:53-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

(Examinadora)

Profa. Dra. Karol Veiga Cabral - UFPA

Documento assinado digitalmente
 **ADRIENE DE NASARE PAIXAO REIS**
Data: 03/03/2026 10:37:44-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

(Examinadora)

Ma. Adrienne de Nazaré Paixão Reis - UFPA

Aos meus avós, Dona Judith e Seu João, pela paciência infinita e pelos aproximadamente 764 almoços servidos durante esses anos de graduação.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Marlete (*In Memoriam*), pela vida. A saudade é a prova viva do amor que sinto por você. Jamais te esquecerei.

À minha irmã, Jardini, meu porto seguro. Obrigada por acolher cada lágrima, por me arrancar sorrisos nos dias mais difíceis e por ser a voz que nunca deixou de acreditar em mim.

Aos meus avós, Sr. João e Dona Judith (João Tubarão e Dona Bujú), pelos conselhos que me guiaram, pelas risadas que guardo com carinho e pelos almoços que sustentaram minha caminhada. Minha gratidão é eterna.

Ao meu pai, Joaquim. Por me permitir a chance de tentar novamente, pela fé em mim e na minha capacidade, e pelo seu amor, que foi o sopro que me manteve em pé. Obrigada por acreditar em mim quando eu já havia desistido.

À minha madrastra, Sinthia e aos meus irmãos, Davi, Anne e Lídia, por serem âncora de compreensão e paciência quando minha fé vacilou.

À Família Reis, pelo acolhimento, pelos conselhos, pela alegria e pela preocupação genuína. Nunca esquecerei meu aniversário de 2024: quando pensei em cancelar a celebração porque tinha encomendado um bolo que não foi entregue, vovó não me deixou desistir. Cheguei sem expectativas e encontrei a casa cheia, cada um trazendo um bolo. Um gesto simples, mas de um amor imenso; o melhor aniversário da minha vida.

À Família Alvarenga (Vó Rosa, Vô Agostinho, Maylana, Heudem, Rian, Tia Marly e todos os primos e tios), pelo laço que supera a distância e pelo apoio constante, em pensamento e coração, a cada conquista. Por oferecerem sempre apoio a qualquer necessidade e ouvidos a qualquer lamentação.

A todos os mestres que despertaram em mim o amor pelo saber e me inspiraram a seguir este caminho, permitindo-me hoje celebrar a honra de também ser professora.

À Universidade Federal do Pará (UFPA), pela oportunidade que tornou este sonho possível, e aos professores que marcaram minha trajetória, com especial carinho a Rosigleyse Felix, Lilliane Freitas e Colin Beasley.

Ao Ministério da Pesca e Aquicultura (MPA), pelo financiamento do projeto Guardiões da Sociobiodiversidade Pesqueira em Áreas Úmidas da Amazônia, a Talita Abi, Alanna Gouveia e à minha orientadora e coordenadora do projeto, Roberta Sá. A parceria e ensinamentos de vocês foram a bússola deste trabalho.

Aos meus amigos Jamille, Alessandro, Patrícia, Luana, Joyce, Karla e Josimeire. Obrigada por me impedirem de desistir, pelas conversas que curaram e pelas mensagens que chegavam no momento exato. Mesmo com caminhos distintos, a amizade de vocês foi a ponte que me sustentou.

Às mulheres da Rede de Mulheres das Marés e das Águas, que com coragem e generosidade compartilharam suas histórias, transformando-as na essência desta pesquisa.

Talia, disponibilidade de ler esse trabalho antes mesmo de qualquer outra pessoa. E Luiza, pelo excelente trabalho na primeira revisão desse texto.

Com muito carinho e gratidão,
Marcele.

Para completar sua missão, você deve acreditar no seu próprio caminho, não importa o quão difícil ele seja. (Bruno Bucciarati - JoJo's Bizarre Adventure: Golden Wind)

RESUMO

O presente estudo investiga as percepções de mulheres pescadoras artesanais da comunidade de Tamatateua, em Bragança-PA, acerca dos processos de adoecimento inscritos em seus corpos. A pesquisa fundamenta-se em uma abordagem qualitativa e interpretativa, utilizando a cartografia corporal e o procedimento de Mapeamento do Corpo-Território como ferramentas para a exteriorização de conteúdos psíquicos e percepções somáticas. Os dados foram analisados por meio da Análise de Conteúdo de Bardin. Essas mulheres percebem que o adoecimento é indissociável da invisibilidade laboral, caracterizada pela classificação das mulheres como "ajudantes", o que desencadeia sofrimento ético-político. Identifica-se um quadro de desgaste físico severo, com prevalência de distúrbios osteomusculares e disfunções urológicas, além de cicatrizes invisíveis decorrentes de lutos traumáticos e violência de gênero. Conclui-se que o corpo dessas pescadoras configura-se como um território de resistência, onde a articulação em redes coletivas e a valorização de saberes tradicionais de cura constituem estratégias de proteção psíquica e enfrentamento à sobrecarga laboral.

Palavras-chave: mulheres extrativistas costeiro-marinhas; Amazônia; cartografia corporal; saúde da mulher; invisibilidade laboral.

ABSTRACT

This study investigates the perceptions of artisanal fisherwomen from the community of Tamatateua, in Bragança-PA, regarding the illness processes inscribed on their bodies. The research is grounded in a qualitative and interpretative approach, utilizing body cartography and the Body-Territory Mapping procedure as tools for externalizing psychic content and somatic perceptions. Data were analyzed using Bardin's Content Analysis. These women perceive that illness is inseparable from labor invisibility, characterized by the classification of women as "helpers", which triggers ethico-political suffering. The study identifies a state of severe physical exhaustion, with a prevalence of musculoskeletal disorders and urological dysfunctions, in addition to invisible scars resulting from traumatic grief and gender violence. It is concluded that the bodies of these fisherwomen constitute a territory of resistance, where engagement in collective networks and the valuation of traditional healing knowledge serve as strategies for psychic protection and coping with labor overload.

Keywords: woman coastal-marine extractivists; Amazon; body cartography; women's health; labor invisibility.

RESUMEN

Este estudio investiga las percepciones de mujeres pescadoras artesanales de la comunidad de Tamatateua, en Bragança-PA, acerca de los procesos de enfermar inscritos en sus cuerpos. La investigación se fundamenta en un enfoque cualitativo e interpretativo, utilizando la cartografía corporal y el procedimiento de Mapeo del Cuerpo-Territorio como herramientas para la exteriorización de contenidos psíquicos y percepciones somáticas. Los datos fueron analizados mediante el Análisis de Contenido de Bardin. Estas mujeres perciben que el enfermar es inseparable de la invisibilidad laboral, caracterizada por la clasificación de las mujeres como "ayudantes", lo que desencadena un sufrimiento ético-político. Se identifica un cuadro de desgaste físico severo, con prevalencia de trastornos osteomusculares y disfunciones urológicas, además de cicatrices invisibles derivadas de lutos traumáticos y violencia de género. Se concluye que el cuerpo de estas pescadoras se configura como un territorio de resistencia, donde la articulación en redes colectivas y la valoración de saberes tradicionales de curación constituyen estrategias de protección psíquica y enfrentamiento a la sobrecarga laboral.

Palabras clave: mujeres extractivistas costero-marinas; Amazonía; cartografía corporal; salud de la mujer; invisibilidad laboral.

RÉSUMÉ

Cette étude étudie les perceptions des femmes pêcheuses artisanales de la communauté de Tamatateua, à Bragança-PA, concernant les processus de maladie inscrits dans leurs corps. La recherche se fonde sur une approche qualitative et interprétative, utilisant la cartographie corporelle et la procédure de Cartographie Corps-Territoire comme outils d'extériorisation des contenus psychiques et des perceptions somatiques. Les données ont été analysées à l'aide de l'Analyse de Contenu de Bardin. Ces femmes perçoivent que la maladie est indissociable de l'invisibilité professionnelle, caractérisée par la classification des femmes comme « aides », ce qui déclenche une souffrance éthico-politique. L'étude identifie un état d'épuisement physique sévère, avec une prévalence de troubles musculo-squelettiques et de dysfonctions urologiques, ainsi que des cicatrices invisibles résultant de deuils traumatiques et de violences de genre. Il en est conclu que le corps de ces pêcheuses se configure comme un territoire de résistance, où l'articulation en réseaux collectifs et la valorisation des savoirs traditionnels de guérison constituent des stratégies de protection psychique et de lutte contre la surcharge de travail.

Mots-clés: femmes extractivistes côtières et marines ; Amazonie ; cartographie corporelle ; santé de la femme ; invisibilité professionnelle.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa da localização da comunidade Tamatateua, Bragança-PA.....	15
Figura 2: Fluxograma do percurso analítico conforme Bardin.....	18
Figura 3: Fotografia do tarot utilizado como inspiração para os nomes fictícios.....	20
Figura 4: Ilustração representativa da dilatação severa na bexiga.....	23
Figura 5: Ilustrações representativas de adoecimentos musculoesqueléticos I.....	25
Figura 6: Ilustrações representativas de adoecimentos musculoesqueléticos II.....	26
Figura 7: Ilustrações representativas de adoecimentos musculoesqueléticos III.....	27
Figura 8: Ilustração representativa do colo de útero reduzido.....	26
Figura 9: Ilustração representativa da fragmentação e questões emocionais.....	29
Figura 10: Média de horas dedicadas aos cuidados e afazeres domésticos por gênero.....	32

1. Introdução.....	13
1.1. Objetivos.....	14
2. Materiais e Métodos.....	15
2.1. Procedimentos de Coleta: Cartografia Corporal e Mapeamento do Corpo-Território	16
2.2. Método de Análise: A Análise de Conteúdo de Bardin.....	17
2.4. Ferramentas, assistentes de pesquisa e questões éticas.....	19
3. Resultados e Discussão: A Cartografia do Adoecimento e a Resistência Coletiva.....	21
3.1. A Cartografia do Adoecimento Físico e o Trabalho.....	21
3.2 O Corpo Reprodutivo: Câncer e Violência.....	27
3.3. "Linhas Tortas": O Adoecimento Mental e o Luto Traumático.....	30
3.4. A Invisibilidade do Trabalho e o "Corpo-Ajudante".....	32
3.5 Coletivo como Espaço de Cura.....	36
4. Conclusão.....	39
5. Referências.....	41

1. Introdução

Os corpos das extrativistas na Amazônia não são apenas organismos biológicos, mas territórios onde subjetividades estéticas, políticas e traços históricos de resistência estão inscritos, configurando o que se denomina como corpo-território (Cruz Hernández, 2016). Essas marcas, evidenciadas por metodologias emancipatórias como o mapa corporal narrado, revelam a história de luta e a identidade dessas mulheres diante das pressões em seus territórios (Moreira; Conceição, 2020).

Saúde e doença não são simplesmente biomédicas, mas sim a unidade epistêmica das comunidades tradicionais; o corpo não é literalmente um organismo biológico, mas sim um local de subjetividade (Silva et al., 2020). Esta pesquisa explora as experiências de mulheres da comunidade rural de Tamatateua, em Bragança (Pará), cujas trajetórias são atravessadas por estruturas de invisibilidade que afetam diretamente sua saúde física e mental.

Nesta perspectiva, adota-se o conceito de Menéndez (2003) sobre o processo Saúde-Adoecimento-Atenção (S/A/A). Para o autor, esses elementos formam um tripé indissociável, onde a forma como a pescadora entende sua dor (saúde/adoecimento) dita o tipo de cuidado ou assistência (atenção) que ela buscará. Compreender esse ciclo permite visualizar o itinerário terapêutico percorrido por essas mulheres, que muitas vezes mescla o sistema formal de saúde com redes tradicionais de cura em sua busca pela restauração do bem-estar.

O estudo centra-se na "Máquina do Mundo", uma metáfora utilizada por uma das mulheres que participaram dessa pesquisa para a forma como a exploração e o silenciamento formam uma estrutura que nega a essas mulheres o status profissional, tratando-as como pessoas que só podem ser reconhecidas como "ajudantes". Esta situação cria um profundo sofrimento ético-político e enfrentamentos sistêmicos que se mostram como um obstáculo aos direitos básicos e à descoberta precoce de doenças (Moreira, 2024; Santos, 2023).

Tal contexto gera o efeito subjetivo de não pertencimento e a ausência de um lugar social/político reconhecido, que se reflete na fala das mulheres e impulsiona sua resistência por meio da organização em grupo e da construção de Redes. A invisibilidade laboral e a ausência da validação e do reconhecimento da identidade cultural dessas mulheres servem como determinantes sociais que agravam a precariedade do atendimento à saúde nas comunidades ribeirinhas amazônicas.

No âmbito físico, a rotina de trabalho na pesca e na coleta de mariscos resulta em uma marcas de adoecimento por lesões osteomusculares como demonstram os estudos de Falcão *et. al* (2015) Falção *et. al* (2019), e Müller *et. al* (2016). Além disso, vulnerabilidades específicas em órgãos, como a bexiga, decorrentes de condições ergonômicas e sanitárias precárias. Somado a isso, o adoecimento mental manifesta-se de forma fragmentada, simbolizado por traumas, lutos paralisantes e as sequelas invisíveis da violência doméstica, muitas vezes naturalizada no cotidiano rural e agravada por contextos de vulnerabilidade social (Martins, 2015; Ferraz, 2024).

Apesar do cenário de dor, este trabalho destaca que a resistência dessas mulheres se fortalece no coletivo. O engajamento em redes, como a Rede de Mulheres das Marés e das Águas do Litoral do Pará (Rede), que consolidou-se a partir de intercâmbios metodológicos com extrativistas da Bahia e de um intenso processo de mobilização no litoral paraense durante a pandemia sendo institucionalizada em novembro de 2021 em Bragança como uma resposta política e social para garantir a autonomia das mulheres frente às violências e à invisibilidade (Bardo *et. al*, no prelo), bem como a valorização de saberes ancestrais e práticas tradicionais de cura atuam como ferramentas de proteção da integridade psíquica e subversão da lógica da sobrecarga individual (Santos, 2023; Pereira, 2025).

Ao trazer as vozes das pescadoras para o centro da pesquisa, este trabalho alinha-se ao pensamento de Hooks (2018), que defende um feminismo capaz de olhar para as margens. Segundo a autora, o feminismo deve ser uma política de erradicação da dominação, o que, no contexto das águas, traduz-se no reconhecimento de que a luta dessas mulheres pelo direito à saúde é também uma luta contra a marginalização de seus saberes e de seus corpos. Assim, a presente pesquisa justifica-se pela necessidade de fomentar políticas de Vigilância Popular da Saúde que reconheçam o protagonismo das pescadoras na proteção da sociobiodiversidade e na luta por uma saúde integral e digna.

1.1. Objetivos

Objetivo Geral:

Identificar as percepções de mulheres extrativistas costeiro-marinhas da comunidade rural de Tamatateua, em Bragança, Pará, sobre as marcas de adoecimento em seus corpos.

Objetivos Específicos:

- Investigar como a invisibilidade laboral e o não reconhecimento da identidade profissional impactam o sofrimento ético-político e a saúde mental dessas mulheres;

- Discutir o papel do engajamento coletivo e das redes de mulheres como estratégias de cura e resistência diante das marcas de dor e exclusão social.

2. Materiais e Métodos

A metodologia desta pesquisa é baseada na cartografia, considerada adequada para o tipo de investigação, e está associada aos "preceitos metodológicos do Colectivo Miradas Críticas del Territorio desde el Feminismo (Cruz et al., 2017)". Para a coleta de dados, foram utilizadas o mapeamento corporal como ferramenta para visibilizar o impacto do entorno no bem-estar das pescadoras, e o protocolo de história de vida. A análise do conteúdo gerado seguiu os princípios da Análise de Conteúdo de Bardin.

Além disso, o estudo fundamenta-se em uma abordagem qualitativa de natureza interpretativa, centrada na compreensão das subjetividades e vivências de saúde e adoecimento. O estudo foi desenvolvido a partir da oficina "No Meu Corpo de Luta, Eu Quero Marcas de Saúde!", realizada em junho de 2025 na comunidade rural de Tamatateua (**Figura 1**), em Bragança (Pará). Esta ação integrou o projeto "Guardiãs da Sociobiodiversidade Pesqueira em Áreas Úmidas da Amazônia" (financiamento: Ministério da Pesca e Aquicultura - MPA), do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão Pesqueira junto a Comunidades Amazônicas (LABPEXCA), que atua há cerca de 20 anos junto à comunidades e coletivos, como a Rede de Mulheres das Marés e das Águas do Litoral do Pará (Rede), que foi parceira nessa pesquisa.

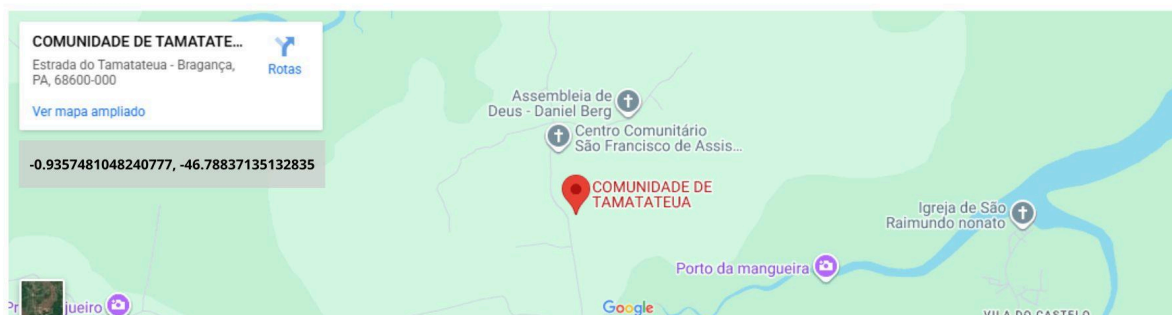


Figura 1: Mapa da localização da comunidade Tamatateua, Bragança, PA, 2025. Fonte: Google Maps/Modificado (2025)

A vila de Tamatateua está estrategicamente posicionada na margem esquerda da Rodovia Bragança-Ajuruteua (PA-458), distando aproximadamente 18 quilômetros da sede do município de Bragança (Da Costa *et. al.*, 2024). Sua localização geográfica a insere na Península de Ajuruteua, uma área de transição ecológica onde a influência marinha e fluvial cria um ambiente de alta biodiversidade (Da Costa *et. al.*, 2024). O acesso à comunidade reflete a dualidade do território amazônico: pode ocorrer por via terrestre, através de ramais

vicinais de estrada de chão que se ramificam da PA-458, ou por via aquática, utilizando os rios que sofrem influência direta do fluxo e refluxo das marés (Lopes *et. al*, 2013).

A importância ecológica dessa área é reforçada por estudos sobre a regeneração das espécies de mangue em Tamatateua, que demonstram a resiliência do ecossistema local (Lopes *et al.*, 2014).

Esta comunidade possui uma fundação histórica que remonta a mais de 205 anos, estabelecendo-se sobre moldes tradicionais de ocupação que priorizavam a proximidade com os recursos hídricos e as zonas de coleta (Silva *et. al*, 2024). Atualmente, Tamatateua encontra-se integralmente inserida na Reserva Extrativista (RESEX) Marinha Caeté-Taperaçu, uma unidade de conservação de uso sustentável criada para garantir a sobrevivência das populações tradicionais e a preservação dos extensos manguezais que circundam o estuário do Rio Caeté (Oliveira, 2016).

Em Tamatateua, o perfil demográfico revela uma população jovem, mas inserida em um cenário de vulnerabilidade socioeconômica persistente (Oliveira, 2016). O estudo de Oliveira (2016), indicou que a comunidade enfrentava uma situação precária, caracterizada por baixos índices de escolaridade e uma dependência econômica crítica, com a maioria das famílias sobrevivendo com rendas mensais inferiores a um salário mínimo. Essa fragilidade financeira é mitigada, em parte, por programas de transferência de renda, como o Bolsa Família, que se tornam essenciais para a composição do orçamento doméstico, especialmente durante os períodos de defeso do caranguejo ou entressafra agrícola (Da Costa *et. al*, 2024).

A infraestrutura e os serviços públicos em Tamatateua são frequentemente descritos como insuficientes para atender às demandas locais. A carência de sistemas adequados de saneamento básico, coleta de resíduos e manutenção constante dos acessos rodoviários reflete uma negligência governamental que impacta a saúde e a qualidade de vida dos moradores (Oliveira, 2016). A relação institucional com órgãos como o ICMBio é descrita como predominantemente burocrática, focando mais na fiscalização do uso dos recursos naturais da RESEX do que na promoção de melhorias estruturais na vila (Sousa, 2011).

A extração do caranguejo-uçá (*Ucides cordatus*) constitui a principal fonte de renda e subsistência para aproximadamente 38% dos habitantes da região bragantina, número que pode ultrapassar 50% quando se considera o beneficiamento e a comercialização (Oliveira *et. al*, 2014). Em Tamatateua, essa atividade é o motor econômico que movimenta a vila, estando profundamente enraizada na cultura local (Da Costa *et. al*, 2024).

2.1. Procedimentos de Coleta: Cartografia Corporal e Mapeamento do Corpo-Território

A produção de dados utilizou a técnica de cartografia corporal associada ao procedimento de Mapeamento do Corpo-Território (Cruz, 2016; Cruz *et. al*, 2017) com tema proposto. A proposta de corpo-território, conforme discutida por Cruz *et. al* (2016), permite compreender o corpo não apenas como um organismo biológico, mas como o primeiro espaço de resistência e memória das mulheres diante das violências extrativas. No contexto da saúde, tal técnica atua como uma unidade epistêmica que permite reconhecer o corpo não apenas como organismo biológico, mas como um plano de subjetividade estética e política (Silva, *et. al*, 2020).

A cartografia, nesse contexto, segundo Félix-Silva *et al.* (2020) é um modo de pesquisa qualitativa que busca acompanhar processos vivos, em vez de apenas descrevê-los de forma fixa. Ela se baseia na participação direta do pesquisador no campo, observando, escutando e vivendo as experiências junto às pessoas envolvidas, registrando narrativas, afetos, conflitos e resistências (Félix-Silva *et al.*, 2020). Mais do que mapear territórios físicos, a cartografia procura compreender relações sociais, modos de vida e processos de subjetivação, valorizando o cotidiano, a escuta sensível e a construção coletiva do conhecimento (Félix-Silva *et al.* 2020).

A oficina seguiu os preceitos metodológicos do Colectivo Miradas Críticas del Territorio desde el Feminismo (Cruz *et. al*, 2017), utilizando o mapeamento corporal como ferramenta para visibilizar o impacto do entorno no bem-estar das pescadoras. Esses desenhos foram feitos em tamanho real em papel *kraft* pelas próprias companheiras, e, após feitos foram socializados e gravados em áudio, bem como as demais discussões da roda de conversa que aconteceu após a oficina. É importante ressaltar, ainda, que todas elas assinaram o termo de autorização de uso de imagem e voz, possibilitando assim a utilização desses materiais de mídia como resultados dessa pesquisa.

Os critérios para a utilização dos mapas corporais seguiram o protocolo de narrativa de histórias de vida por meio de representações gráficas em tamanho real ou escala, permitindo que as pescadoras, convidadas via Rede, localizassem visualmente suas marcas de dor, traumas e resistências (Moreira e Conceição, 2020).

2.2. Método de Análise: A Análise de Conteúdo de Bardin

Para o tratamento e interpretação do material coletado (desenhos e transcrições de áudios dos relatos gravados durante a oficina), adotou-se a Análise de Conteúdo proposta por

Laurence Bardin (1977). Este método é definido como um conjunto de técnicas de análise das comunicações que visa obter, por procedimentos sistemáticos, indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção das mensagens (Bardin, 1977)

O percurso analítico seguiu as três fases descritas pela autora:



Figura 2: Fluxograma percurso analítico. Fonte: Elaboração autoral, conforme Bardin (1977), Elaboração autoral (2025)

A **Figura 2** detalha o percurso analítico adotado na pesquisa, estruturado em três etapas fundamentais, conforme a metodologia de análise de conteúdo. Inicialmente, como ilustrado na **Figura 2**, ocorre a pré-análise: fase em que se realiza a leitura flutuante dos desenhos e relatos, a seleção do corpus e a formulação das hipóteses iniciais voltadas ao desgaste físico e mental.

Na sequência, em acordo com a **Figura 2**, o processo avança para a exploração do material, momento em que os dados são codificados e categorizados por diferenciação e analogia, permitindo a emergência de unidades de registro específicas, como "dor nos braços" e "luto".

Por fim, a **Figura 2** demonstra, conforme Bardin (1977), o tratamento dos resultados e a interpretação, etapa de "desocultação", na qual são feitas inferências lógicas que conectam as marcas gráficas às estruturas socioeconômicas e de gênero que moldam a vida das pescadoras, buscando o sentido latente em cada mensagem analisada.

Por fim, a organização e estruturação dos tópicos discutidos nesse estudo se deram pela sequencia: Resultados esperados (o que realmente foi objetivado com a realização da oficina - a percepção das mulheres sobre seus adoecimentos) e o que foi obtido (a partir das discussões e da roda de conversa ao final da oficina)

2.4. Ferramentas, assistentes de pesquisa e questões éticas

Os áudios gravados na oficina foram transcritos com auxílio da inteligência artificial Gemini do Google, durante o período de 6 a 8 de dezembro de 2025, na versão Gemini 3 Flash (a versão mais atual até o momento da finalização deste trabalho).

As transcrições foram posteriormente analisadas pessoalmente, a partir de leitura acompanhada pelos áudios, para evitar quaisquer erros de transcrição que pudessem prejudicar a compreensão dos relatos coletados.

As Inteligências artificiais Gemini 3 Flash, do Google e SciSpace, foram utilizadas como assistentes de pesquisa que selecionaram livros e artigos científicos com temas relacionados, como ecofeminismo, saúde/adoecimento, e gênero, que correspondem a parte do referencial teórico do presente estudo.

A plataforma Canva de design gráfico, na versão 1.128.0 foi utilizada para edição e elaboração de figuras, entre o período de 09 e 20 de Janeiro de 2026

Todo o material em mídia produzido na oficina foi armazenado em nuvem na plataforma Dropbox, da Microsoft, visando organização e prevenir a perda do conteúdo por quaisquer motivos, até a finalização oficial da pesquisa. Além disso, é imprescindível destacar que, há riscos mínimos da identificação da identidade das mulheres que participaram da pesquisa, apesar das assinaturas do termo de consentimento. Haja vista que os arquivos têm como títulos sequências numéricas que correspondem à data de produção, não há nomes escritos, ou rostos nas figuras.

Ademais, para questões éticas, a oficina foi realizada sob Autorização para atividades com finalidade científica Número: 82744-1 (Sistema de Autorização e Informação em Biodiversidade - SISBIO/ Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio).

Nesta pesquisa, adotamos o conceito de risco mínimo, considerando não apenas a identificação de riscos, mas também os possíveis efeitos subjetivos decorrentes da participação das voluntárias. O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) segue as diretrizes para pesquisas envolvendo seres humanos estabelecidas nas Resoluções do Conselho Nacional de Saúde (CNS) nº 466/12 e nº 510/16.

Todos os nomes mencionados na pesquisa são fictícios e foram substituídos por nomes de arcanos maiores do Tarot Raider-Waite (1910) (**Figura 3**) utilizando a densidade simbólica das cartas para preservar o anonimato e conferir identidade às suas trajetórias. Como aponta a historiografia do baralho (Aurora, 2025), esta obra, idealizada por Arthur Edward Waite e ilustrada por Pamela “Pixie” Colman Smith, representou uma revolução iconográfica ao introduzir cenas narrativas e personagens vivos nos Arcanos Maiores, retirando o tarô de um campo meramente abstrato para torná-lo uma ferramenta didática e intuitiva de leitura da realidade.

O vínculo com o feminino estabelece-se de forma profunda através da estética de Pamela Smith, que universalizou arquétipos como a “Alta Sacerdotisa” e a “Imperatriz”, posicionando as figuras femininas como detentoras de autoridade e saberes sensíveis. Assim, o uso desses arquétipos funciona como um “espelho simbólico” (Aurora, 2025), permitindo que as pescadoras de Tamatateua, ao serem associadas a tais figuras, tenham suas subjetividades e resistências espelhadas em potências universais, reforçando o corpo como o primeiro território de poder e cura.



Figura 3: Fotografia do oráculo de tarot utilizado como inspiração os nomes fictícios. Tarot Raider-Waite, versão Art Nouveau. Fonte: Acervo Pessoal (2026)

3. Resultados e Discussão: A Cartografia do Adoecimento e a Resistência Coletiva

Com base na técnica do Mapeamento do Corpo-Território (Cruz, 2016; Cruz et. al, 2017), a coleta de dados permitiu que as pescadoras de Tamatateua externalisassem sinais de adoecimento que transcendem a dimensão biológica, revelando corpos atravessados por trajetórias de dor física e social.

A análise dos relatos demonstrou que o adoecimento das pescadoras artesanais é um processo multidimensional que vai além da patologia, revelando-se como reflexo de uma estrutura de sobrecarga de cuidados, invisibilidade identitária e desgaste físico severo. Os achados demonstram uma cartografia do sofrimento onde o físico, o mental e o social se fundem. Essa compreensão do corpo como um território "retalhado" e sobrecarregado encontra eco em diversas pesquisas realizadas em comunidades tradicionais brasileiras, evidenciando que o adoecimento dessas mulheres é um fenômeno sistêmico e multidimensional (Santos, 2022).

A partir da análise dos mapas corporais e das narrativas associadas, foi possível identificar núcleos de sentido recorrentes, que se expressam tanto nas marcas inscritas nos corpos quanto nas falas das participantes. Esses núcleos dizem respeito, principalmente, às dores físicas relacionadas ao trabalho pesqueiro, ao cansaço acumulado, à dimensão emocional do adoecimento e à naturalização do sofrimento no cotidiano dessas mulheres.

Os achados supracitados são consoantes à revisão de Timmermann et al. (no prelo), que sistematiza o adoecimento dessas trabalhadoras em categorias como distúrbios musculoesqueléticos, desgaste no processo de trabalho, saúde reprodutiva, segurança alimentar, qualidade de vida e impactos ambientais.

3.1. A Cartografia do Adoecimento Físico e o Trabalho

Através da análise dos desenhos produzidos pelas companheiras da Rede, também revelamos um cenário complexo de patologias sobrepostas, que estão entrelaçadas tanto com o esforço físico repetitivo encontrado nas tarefas do local de trabalho, quanto com as condições ambientais e ergonômicas precárias dentro dos locais de trabalho. Esta visualização de queixas e experiências corporais possibilitou delinear áreas de maior exposição e exaustão física.

Neste contexto, a bexiga e os membros superiores (incluindo ombros, braços, antebraços e mãos) tornaram-se os pontos focais centrais e mais proeminentes de

fragilidade e sofrimento. O retorno da dor ou disfunção em alguns desses membros aponta para uma associação significativa entre as tarefas realizadas e a ocorrência de distúrbios musculoesqueléticos relacionados ao trabalho nos membros superiores, frequentemente ligados a atividades repetitivas, posturas inadequadas e levantamento de peso.

Além disso, a menção repetida à bexiga nos desenhos sugere possíveis problemas de saúde relacionados à retenção urinária ou infecções recorrentes, devido ao tempo prolongado na maré, que podem ser um problema de saúde que pode ser agravado não apenas por saneamento precário, mas também por uma necessidade aumentada de limitar a ingestão de líquidos para evitar pausas frequentes, ou sobrepeso, carregamento de peso, múltiplos partos e até mesmo violências sexuais e possível estresse crônico. Este resultado destaca a necessidade de a intervenção ser multiprofissional, não apenas na retificação ergonômica, abordando condições de saneamento e estresse ocupacional. Os achados sugerem, assim, uma manifestação psicossomática e física multimodal de doença, tanto psicossomática quanto física, relacionada aos sintomas de doença no trabalho.

Um dado trazido pelas pescadoras de Bragança é a associação da dilatação da bexiga a sequelas da COVID-19. A literatura médica confirma que a COVID-19 pode causar sequelas urológicas e renais devido a estados inflamatórios crônicos ou lesões diretas em órgãos específicos (Mill e Polese, 2023). Para trabalhadores rurais e de subsistência, o impacto é maior pela dificuldade de acesso à rede de assistência e pela precariedade das condições de higiene no ambiente laboral (Aguiar et. al, 2021).

Disfunções orgânicas: A companheira A Estrela relatou um quadro clínico particularmente desafiador, caracterizado por uma dilatação severa da bexiga, ilustrado na **figura 4**. Esse problema de saúde foi associado por ela como uma das sequelas persistentes de uma infecção prévia por COVID-19. Além da dilatação, A Estrela relata que enfrenta crises intensas e recorrentes de tosse, um sintoma que, segundo sua fala, agrava significativamente sua condição. A combinação desses fatores, a condição urológica grave e a tosse incontrolável, resulta na perda involuntária de urina.

Como resultado dessa situação, a companheira relata:

“Eu tô com a bexiga dilatada, por isso eu tenho que estar usando cinta [...] Eu perdi a autonomia de segurar, o esforço de tossir já faz eu me urinar toda”.

Não apenas esse uso contínuo é uma intervenção paliativa para controlar a

incontinência urinária, mas também demonstra para a extensão em que a doença, seu desfecho e suas sequelas, continua a afetar sua autonomia de vida e qualidade de vida e a fazer grandes alterações em sua rotina diária e contatos sociais.



Figura 4: Ilustração representativa da dilatação severa na bexiga. Pontos de interrogação ilustram a ausência dos ovários. Fonte: Oficina “No Meu Corpo de Luta, Eu Quero Marcas de Saúde!” (2025)

Lesões Osteomusculares: No que tange aos impactos físicos, a prevalência de Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho (DORT) é corroborada pelos estudos de Falcão et al. (2014; 2017). As autoras demonstram que a rotina das marisqueiras e pescadoras artesanais envolve movimentos repetitivos, posturas inadequadas e esforço físico intenso, resultando em altas taxas de dores no pescoço e membros superiores.

Esse desgaste físico é a materialização das condições precárias de trabalho, onde o corpo "fala" através da dor crônica, transformando-se no que Cruz Hernández (2016) define como o "primeiro território" de disputa e sofrimento, mas também de resistência. Para além das marcas físicas, o adoecimento deve ser compreendido como um fenômeno político e social.

A cartografia corporal produzida pelas pescadoras de Tamatateua destacou os membros superiores e a bexiga como focos centrais de sofrimento. A representação de

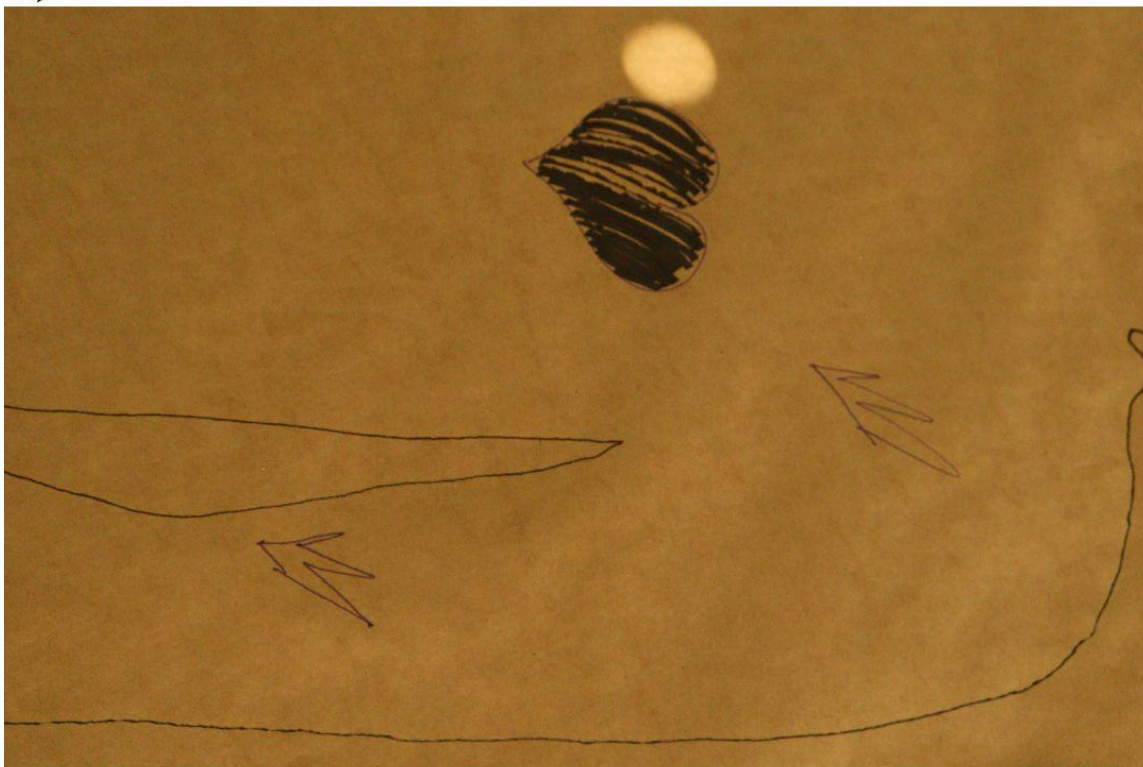
dores como "raios" nos braços correlaciona-se com a alta prevalência de Distúrbios Musculoesqueléticos em pescadoras artesanais.

Na análise dos relatos, tendinite e bursite (**figuras 5b, 6a e b**), doenças inflamatórias dos tendões e bursas, foram metaforicamente demonstradas como "raios" de dor severa e debilitante, como exemplo da figura 4a. Os desenhos não deixam claro apenas quão aguda e específica era a dor e o efeito claustrofóbico dessas patologias. Manifestações crônicas e recorrentes, tais dores tornam-se barreiras tangíveis que restringem grandemente a autonomia dessas mulheres no trabalho e em casa. Assim, algumas das atividades mais do dia a dia, incluindo tarefas domésticas, e atividades no local de trabalho tornam-se muito difíceis de realizar, enfatizando a gravidade da limitação funcional causada por essas condições musculoesqueléticas.

A Torre, autora da ilustração da figura 6, relatou o seguinte:

“No braço, muita dor. Eu também não posso varrer casa, não posso carregar peso por conta desse negócio. Meus joelhos também, é tudo por conta do reumatismo que deu”.

a)



b)

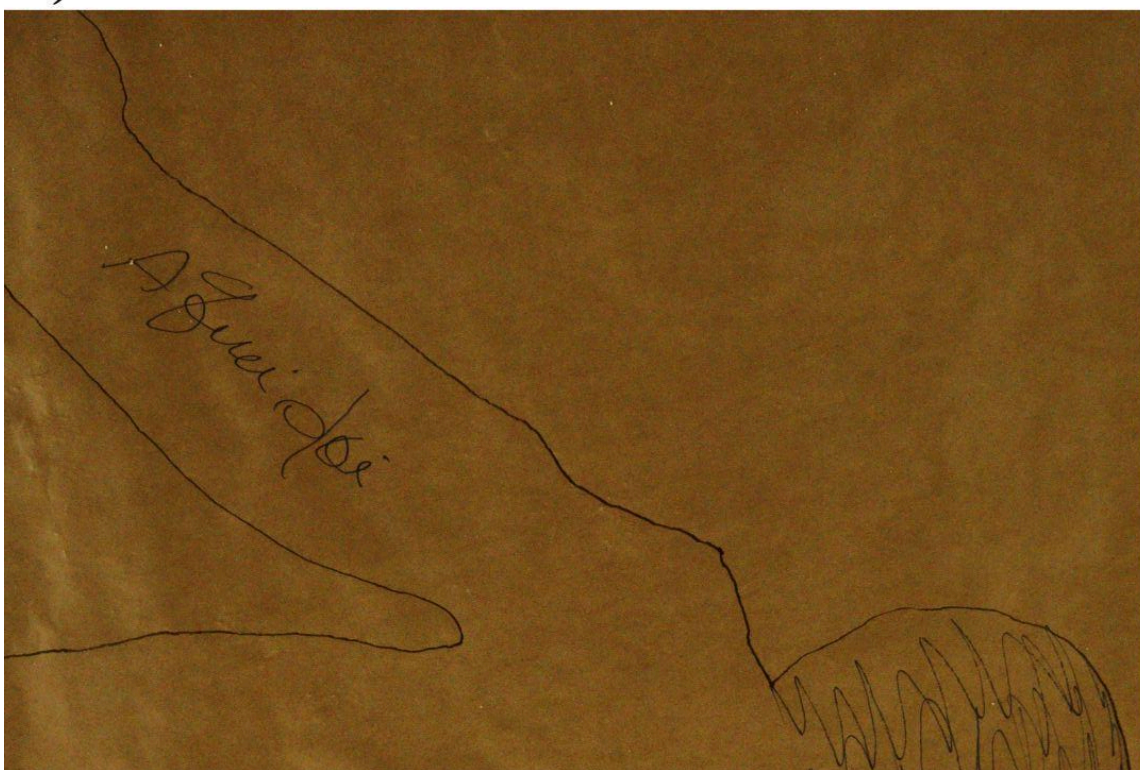
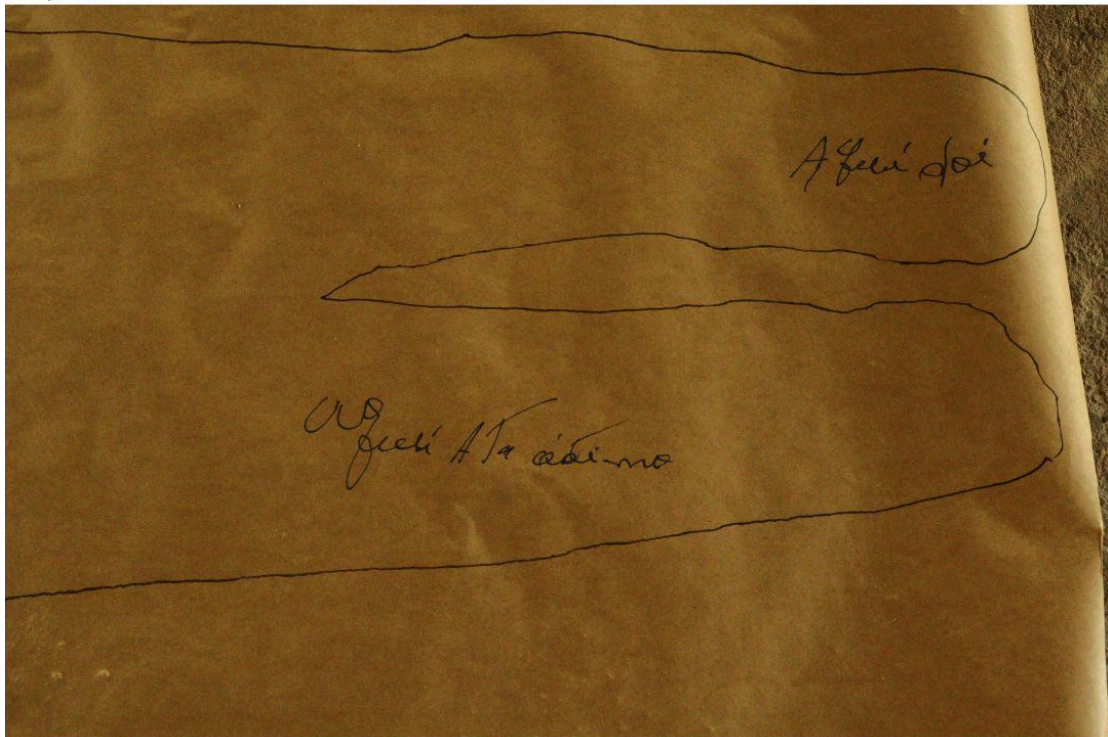


Figura 5: Ilustrações representativas de adoecimentos musculoesqueléticos I. **a)** “raios” de dor no corpo, **b)** dor no braço direito ocasionada por tendinite Fonte: Oficina “No Meu Corpo de Luta, Eu Quero Marcas de Saúde!” (2025)

a)



b)



Figura 6: Ilustrações representativas de adoecimentos musculoesqueléticos. II **a)** pé esquerdo “adoecido”, com dor, **b)** marca de adoecimento, bursite **e)** dores nos joelhos causadas por reumatismo. Fonte: Oficina “No

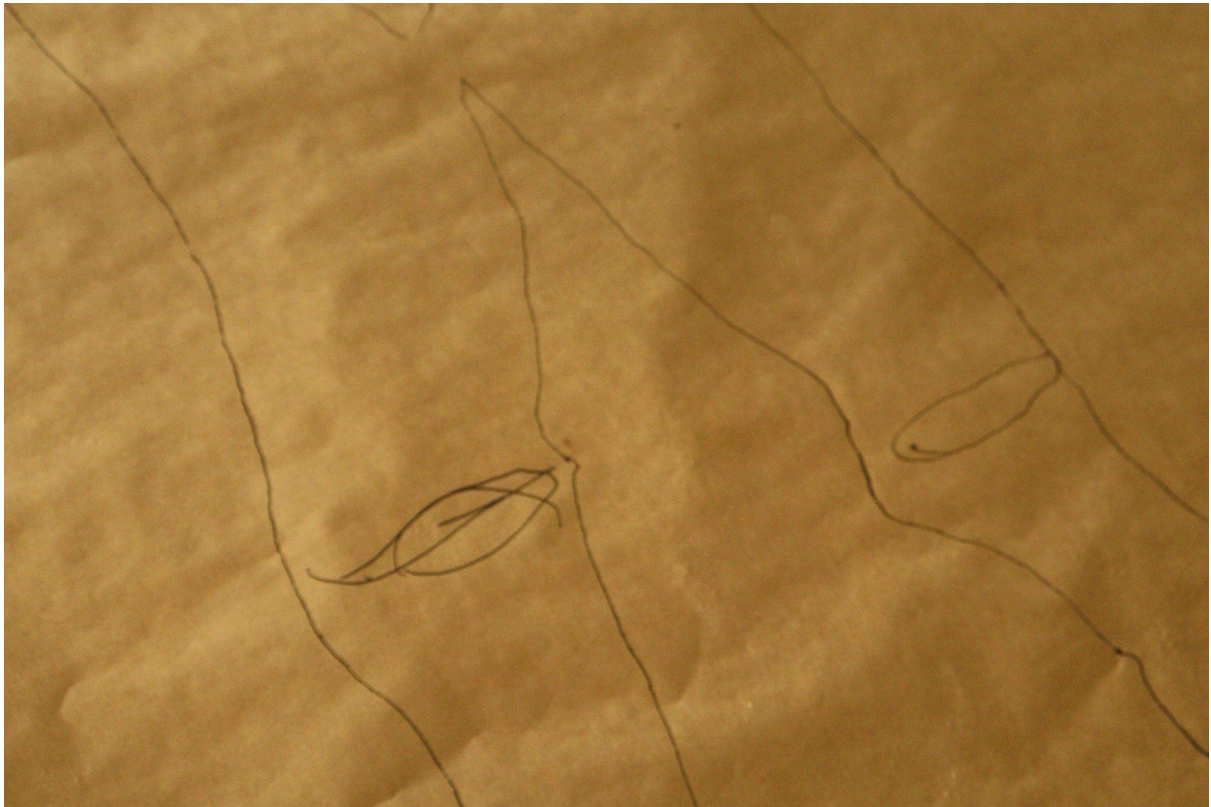


Figura 7: Ilustração representativa de adoecimentos musculoesquelético III: Dores nos joelhos causadas por reumatismo. Fonte: Oficina “No Meu Corpo de Luta, Eu Quero Marcas de Saúde!” (2025)

A representação de dores como 'raios' nos braços, expressa pelas participantes na cartografia corporal, encontra eco na literatura científica recente. Essa percepção subjetiva de dor correlaciona-se com a alta prevalência de Distúrbios Musculoesqueléticos (DME) em pescadoras artesanais, condição que, conforme discutido na revisão de Timmermann et al. (2024, no prelo), está intrinsecamente ligada à sobrecarga física e aos movimentos repetitivos característicos do trabalho pesqueiro-extrativista.

3.2 O Corpo Reprodutivo: Câncer e Violência

No campo da saúde reprodutiva, o corpo "retalhado" descrito por uma das companheiras reflete a luta contra o câncer e as barreiras de acesso ao diagnóstico precoce no meio rural (Martins, 2015). A intersecção entre doença grave e violência de gênero é

exemplificada pelo relato de gravidez fruto de estupro durante o tratamento oncológico. Estudos apontam que a violência doméstica em comunidades rurais e pesqueiras é muitas vezes naturalizada e agravada pelo abuso de álcool pelos parceiros, dificultando a percepção de alternativas e a busca por ajuda (Martins, 2015; Ferraz, 2024).

Os relatos sobre os desenhos revelam uma cartografia de perdas. O corpo é descrito como algo que foi "retalhado" por cirurgias e doenças, muitas vezes ligadas à falta de cuidado ou a condições de vida precárias.

A discussão das companheiras sobre o sistema reprodutivo reflete uma narrativa de devastação marcada por perda, cirurgia e a ressignificação do corpo que vem depois. "Órgãos reprodutivos" não é apenas um termo anatômico, mas também um termo permeado pela história de doenças e tratamentos. A impressão que eles criam, exemplificada pelos desenhos representativos dos ovários ausentes (**figura 4**) e colo do útero reduzido (**figura 8**), não é meramente uma evidência anatômica pós-operatória, mas um símbolo da luta contra o câncer e da resistência que emerge como resultado dessa luta. Tanto a ausência física (na forma da redução) quanto o dano ou conversão dos órgãos do corpo representam, de maneira dolorosa e visível, as cicatrizes que a doença e o tratamento do câncer em si engendram. Como relatou A Força:

“Aqui é uma parte do meu colo que eu só tenho 10%... não tenho mais também porque foi acometida de um câncer. O médico disse: 'ou eu tiro, ou a senhora morre'. Eu escolhi viver, mas o corpo não é mais o mesmo.”

Essa ausência e redução física ou modificação de órgãos simbolizam, de forma dolorosa e visível, as cicatrizes deixadas tanto pela doença quanto pelo próprio tratamento oncológico. O corpo está curado, ou em remissão, mas as marcas das intervenções permanecem: um corpo que sobreviveu, embora mudado para sempre. Essas cicatrizes servem como um “mapa” da experiência, contando sobre a brutalidade da doença e o custo pago pela cura, alterando a identidade dessas mulheres em outras dimensões além da física, incluindo feminilidade, maternidade (real ou potencial) e autoimagem. É aí que entra a conversa sobre o sistema reprodutivo: é uma maneira de mostrar a complexidade da vida após o câncer e como o trauma pessoal é escrito na experiência subjetiva de alguém.

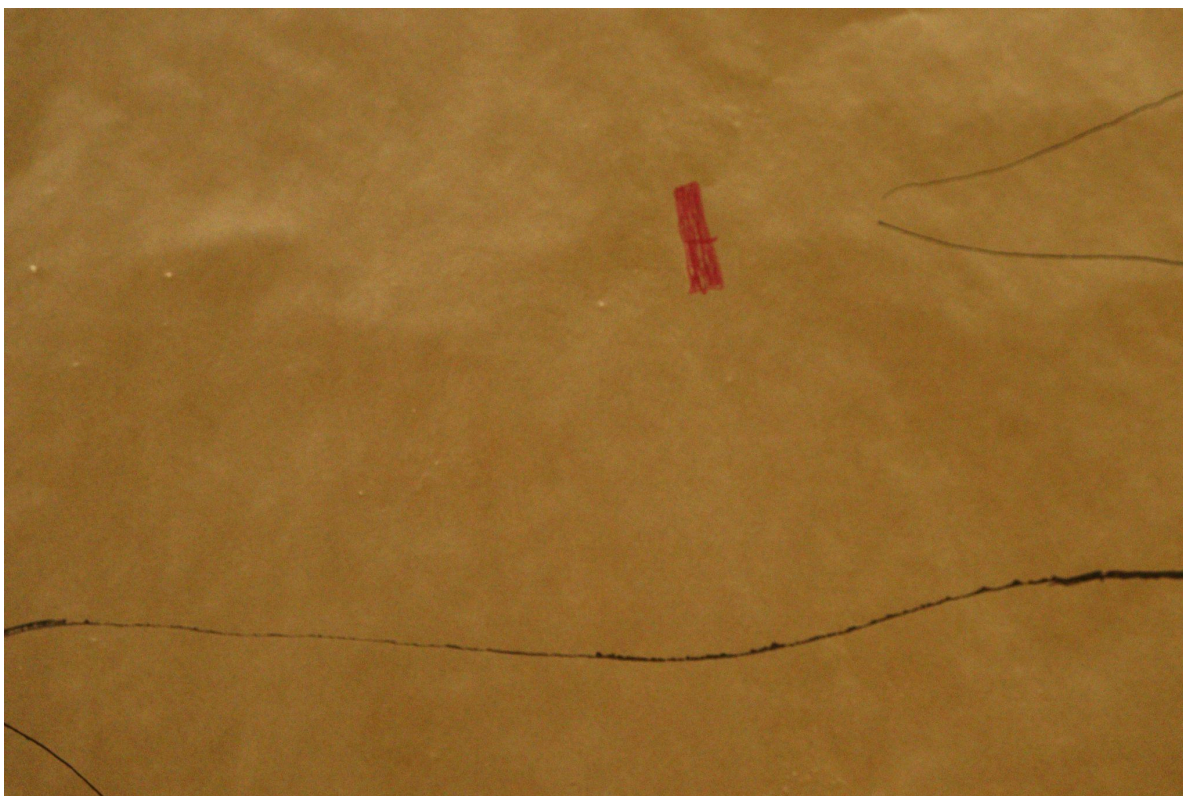


Figura 8: Ilustração representativa do colo de útero reduzido. Fonte: Oficina “No Meu Corpo de Luta, Eu Quero Marcas de Saúde!” (2025)

A ligação entre saúde reprodutiva e violência de gênero é um domínio complexo de estudo com valor social e clínico significativo. Conforme discute Ferraz (2024), ao analisar o impacto da violência nas comunidades, a liberdade de decisão sobre o corpo é frequentemente cerceada por dinâmicas de poder e discriminação, o que corrobora a necessidade de entender a saúde reprodutiva como um direito humano básico livre de qualquer forma de opressão. Esse direito, no entanto, é geralmente violado em contextos de violência de gênero.

O relato de uma gravidez não planejada, ocorrida em meio a um tratamento oncológico severo e que é fruto de violência sexual, serve como um exemplo pungente e dramático da vulnerabilidade extrema a que estas mulheres estão expostas. Essa situação encapsula a sobreposição de traumas: o diagnóstico e tratamento do câncer, que por si só é debilitante e ameaçador à vida e à fertilidade, e a violência sexual, que é uma das formas mais brutais de violação da autonomia corporal e reprodutiva.

A gravidez resultante da violência sexual durante um tratamento oncológico,

relatado por A Força (abaixo transcrito) representa um dilema ético, médico e psicológico de magnitude avassaladora. Conforme aponta Ferraz (2024), a garantia da saúde integral da mulher pressupõe o manejo de riscos que possam comprometer sua vida ou o sucesso de tratamentos clínicos essenciais. Em contextos de gravidez sob risco, a autonomia reprodutiva torna-se um componente indissociável do direito à saúde e à sobrevivência física (Ferraz, 2024). Além do impacto físico, o trauma psicológico da violência sexual é potencializado pelo fardo de carregar uma gestação indesejada, um constante lembrete da agressão sofrida, em um momento de fragilidade extrema devido à doença.

A intersecção entre violência e maternidade: o relato de uma gravidez fruto de violência sexual durante um tratamento de quimioterapia expõe o nível de vulnerabilidade dessas mulheres. A Força relatou o seguinte:

A gente sofre calada por muito tempo. [...] Veio a gravidez de A Lua, por violência, por estupro, fruto de um estupro por conta do alcoolismo do pai dela. Naquele momento eu estava fazendo quimioterapia, meu corpo estava fraco, e ainda tive que aguentar isso.

A violência doméstica em comunidades rurais é muitas vezes naturalizada e agravada pelo abuso de álcool, dificultando a busca por ajuda (Martins, 2015; Ferraz, 2024). A saúde reprodutiva de mulheres que sofrem agressões de gênero e, ao mesmo tempo, condições de saúde graves, como o câncer, está em risco e se torna uma questão crítica que requer atenção e foco de múltiplas especialidades e é humanizada.

A gravidez forçada, que ocorre quando a mulher grávida perde o controle sobre seu próprio corpo, destaca como os sistemas sociais e de saúde estão falhando com essas mulheres e a necessidade de políticas para garantir que essas mulheres tenham acesso a cuidados de saúde reprodutiva seguros, confidenciais e sem julgamentos, incluindo aborto legal e seguro, quando apropriado e solicitado pela vítima. Em conclusão, a intersecção de violência, doença e negação de direitos reprodutivos é uma punição dupla e às vezes tripla para as mulheres.

3.3. "Linhas Tortas": O Adoecimento Mental e o Luto Traumático

A imagem do cérebro, descrita através de "linhas tortas" e "pontos vazios" (**figura 9**), serve como uma poderosa metáfora visual para comunicar a profunda fragmentação desconectada do cérebro e da mente e o desenrolar emocional experimentado pela

companheira. Tal iconografia implica uma estrutura mental desorganizada e um vazio interior, a incapacidade de organizar pensamentos e sentimentos como um todo. Nessa condição, esquecer é mais do que mera perda de memória, mas visto como um meio inconsciente de autoproteção, uma "estratégia de sobrevivência" final da mente em resposta à dor insuportável da realidade, ou mais grotescamente, é uma "sequela de trauma", que mudou permanentemente a capacidade da mente de lembrar e reter o passado de alguém.

O adoecimento mental, representado visualmente por "linhas tortas" e "bolinhas vazias" no cérebro, simboliza a fragmentação emocional causada por traumas profundos. O esquecimento surge como uma "estratégia de sobrevivência" ou sequela de Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT) (Silva et. al, 2024b).



Figura 9: Ilustração representativa da fragmentação e questões emocionais. Fonte: Oficina “No Meu Corpo de Luta, Eu Quero Marcas de Saúde!” (2025)

No relato a seguir, a perda de um filho surgiu como o marco mais profundo. Este luto não é apenas uma tristeza: ele produz um fenômeno que se manifestou, no relato da companheira, como anedonia à incapacidade de sentir prazer e interesse em atividades sociais que antes eram satisfatórias. Esta descrição faz parte das alterações negativas na

cognição e no humor associadas ao Transtorno de Estresse Pós Traumático (TEPT) (Banhill, 2023).

Isso foi descrito por ela como um doloroso “isolamento familiar” onde ela se afasta da interação social e do vínculo emocional, incapaz de compartilhar ou ser consolada. caracterizando o distanciamento ou estranhamento em relação a outras pessoas.” A culpa é a emoção que vem antes de todas as outras e se torna o impulso por trás dessa profunda paralisia existencial.

O luto de um filho ele é eterno, você nunca se liberta dele por completo. [...] Eu perdi meu filho e eu não consigo me perdoar por isso. [...] Meu filho disse: 'A senhora se isolou de tal forma que não quer participar mais da nossa vida enquanto família'. As interrogações lá são os meus questionamentos: por que que eu ainda estou de pé?.

Esse senso de responsabilidade sentido pela companheira se demonstrou tão avassalador como se "paralisasse" não apenas a mente, mas o próprio corpo, impedindo a ação, o movimento e a retomada da vida, tornando-a imóvel e a sua existência em um estado de suspensão perpétua. A culpa, assim, torna-se a âncora que impede o processo natural de superação e cura.

Talvez, a marca mais profunda identificada nas falas não esteja na pele, mas na subjetividade. O adoecimento mental é descrito através de metáforas visuais como "linhas tortas" e "bolinhas vazias" no cérebro (**figura 9**), simbolizando o esquecimento e a confusão mental após traumas profundos.

A análise das narrativas, mediada pela técnica de cartografia corporal, permitiu identificar que a doença dessas mulheres não é um evento isolado, mas um processo contínuo que envolve trabalho, violência de gênero e traumas geracionais.

3.4. A Invisibilidade do Trabalho e o "Corpo-Ajudante"

A divisão sexual do trabalho em Tamatateua é marcada por uma rigidez nos lugares de gênero, como discute Vieira et al. (2014). Enquanto o trabalho masculino na pesca de mar aberto é hipervalorizado, as atividades femininas no manguezal e no ambiente doméstico são naturalizadas como extensões do cuidado familiar. Essa hierarquia gera o que Peixoto et al. (2024) identificam como uma profunda desigualdade no acesso ao Seguro Defeso, onde critérios institucionais frequentemente excluem as mulheres (Vieira e

Costa, 2018). É importante destacar que nas atividades de agricultura familiar e produção de farinha, fundamentais para a economia local de Tamatateua, as mulheres desempenham papéis cruciais que muitas vezes permanecem à sombra da figura masculina (Silva et al., 2024a).

Um ponto central identificado nos relatos é o conflito de identidade provocado pelo não reconhecimento da mulher como profissional da pesca. O sistema atual frequentemente as classifica como "ajudantes", o que gera um sofrimento ético-político (Santos, 2022). A classificação dessas mulheres como meras 'ajudantes' não é um equívoco técnico, mas uma manifestação da divisão sexual do trabalho atravessada por marcadores raciais e sociais.

Essa invisibilidade é refletida por um sentimento de exclusão que adoece a mente antes mesmo do corpo físico, como declara A Sacerdotisa durante a roda de conversa posterior à realização da atividade:

Máquina do mundo, né? Ele foi tão, ele é tão agressivo, continua agressivo com relação à violação dos direitos humanos de mulheres [...] O sistema atual diz que nós não somos pescadoras, nós somos ajudantes. Ou seja, é o sistema que quer dizer o que nós somos, quer nos dar uma identidade que não é a nossa. [...].

A Força concorda:

“A lei atual diz que nós não somos pescadores, nós somos ajudantes. Ou seja, é o sistema que quer dizer o que nós somos, né? Quer nos dar uma identidade que não é a nossa.”

A ideia de Menéndez (2003) ajuda a explicar por que muitas pescadoras demoram a buscar atendimento formal. Se a "Máquina do Mundo" as invisibiliza como profissionais, o adoecimento é silenciado até se tornar insuportável. A classificação de "ajudante" afeta o componente "Atenção" do tripé de Menéndez (2003). Se o trabalho não é reconhecido, o desgaste físico é naturalizado e a busca por assistência médica (o itinerário) é adiada ou negligenciada por falta de lugar social.

A invisibilidade relatada por A Sacerdotisa sobre a 'Máquina do Mundo' dialoga com as críticas de Federici (2019) e Biroli (2018) sobre como o trabalho de reprodução da vida e o extrativismo feminino são naturalizados como 'ajuda', despossuindo essas

mulheres de sua identidade profissional e sobrecarregando seus corpos.

Esse “não-ser” cria um desgaste ético-político (Santos, 2022), no qual a mulher enfrenta uma estrutura que A Sacerdotiza chamou de “Máquina do Mundo”, que torna as mulheres invisíveis e fora de suas terras e atividades tradicionais. As mulheres mencionam frequentemente em seus relatos, e em discussão, a ausência de reconhecimento dos seus direitos, sejam de saúde, de trabalho ou previdenciários. A Temperança acrescentou o recorte racial:

Na visão deles, eu só sou boa na cozinha. Eles pegaram uma mulher preta só para fazer mesmo lá o... ouvi do presidente do partido: 'olha, tu não queres te pintar de preto para ganhar mais dinheiro?' (ao se direcionar a um colega. Homem. Branco.). É um racismo que adoece a gente por dentro.

A análise das vivências em Tamatateua exige o que Collins (2019) define como uma matriz de dominação. Para a autora, as opressões de raça, classe e gênero não agem de forma isolada, mas se cruzam para estruturar a vida das mulheres. No caso das extrativistas paraenses, ser uma mulher negra ou parda no contexto amazônico (território) intensifica a sua vulnerabilidade, pois o sistema que a adoece é o mesmo que desvaloriza sua identidade racial e sua função econômica.

Como discute Gonzalez (1984), o lugar reservado às mulheres negras e populares na estrutura social brasileira é marcado por uma dupla opressão que silencia sua agência produtiva. Essa encruzilhada evidencia o que Vergès (2020) define como uma política que nega às mulheres, especialmente às racializadas e pobres, o direito à proteção de sua própria vida. Para a autora, quando o sistema de saúde prioriza a função reprodutiva em detrimento da sobrevivência da mulher, opera-se uma lógica colonial que trata o corpo feminino como um território de intervenção, despojando-o de sua agência e do acesso a um cuidado verdadeiramente integral (Vergès, 2020).

Em Tamatateua, esse silenciamento converte-se em sofrimento ético-político, pois a negação da identidade de trabalhadora impede não apenas o acesso a direitos previdenciários, mas despoja a mulher de seu reconhecimento como sujeito transformador da natureza. Segundo dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) (2023), essa invisibilidade é um reflexo da estrutura social que delega às mulheres a maior parte do trabalho doméstico e de cuidados não remunerado (**figura 10**), tratando-o como uma obrigação natural e não como atividade produtiva. Esse cenário reforça a desvalorização

econômica do trabalho feminino, aprofundando as desigualdades de gênero e o adoecimento psíquico dessas trabalhadoras (IPEA, 2023).

A fala de A Força reforça isso:

“[...] Essa questão da invisibilidade (laboral), muitas vezes a gente adocece e não sabe por quê. É uma dor nas costas que não passa, é o cansaço excessivo, mas a gente continua, né? Porque se a gente parar, a casa para, a produção para.”

A pesquisa do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (2023) revela o seguinte:



Figura 10: Média de horas dedicadas aos cuidados de pessoas e/ou afazeres domésticos por gênero. Fonte: IPEA (2023)

Nesse contexto, Reis (2025) observa que as catadoras enfrentam uma dupla invisibilização, sendo desvalorizadas tanto no campo do trabalho quanto no campo da

saúde que exige um olhar interseccional para compreender as múltiplas opressões de gênero, classe, raça e território que as atravessam.

A divisão sexual do trabalho nas comunidades extrativistas do Pará revela uma hierarquia onde as atividades masculinas são socialmente valorizadas como “trabalho”, enquanto o fazer feminino é frequentemente invisibilizado (Vieira *et al.*, 2015)

A Força lança mão da crítica:

Nós cuidamos da casa, cuidamos dos filhos, cuidamos da roça, cuidamos da pesca, cuidamos do território. E isso não é contabilizado, isso não aparece nos dados oficiais. [...] Então, a nossa luta também é para visibilizar esse trabalho que sustenta a vida, mas que o sistema insiste em dizer que é apenas 'ajuda' ou que é obrigação natural da mulher. Não é ajuda, é trabalho. É produção de riqueza e de bem-estar para a comunidade.

A literatura confirma que essa invisibilidade tem consequências materiais severas: mulheres pescadoras têm 47% menos chance de acessar benefícios como o Seguro Defeso em comparação aos homens, devido a barreiras burocráticas e documentais que negam sua identidade laboral (Peixoto *et. al*, 2024).

Esta exclusão das instâncias decisórias e o apagamento da figura da mulher trabalhadora reforçam a visão de que a pesca é uma atividade exclusivamente masculina, relegando o trabalho feminino à categoria de "extensão do doméstico" (Farssarella, 2008).

Essa invisibilidade laboral e o sofrimento ético-político causado pela “Máquina do Mundo” transbordam para a dimensão do cuidado em saúde. A precariedade nos itinerários terapêuticos das pescadoras de Tamatateua reflete uma crise no modelo de atenção integral à saúde. Conforme aponta Paim (2008), a fragmentação do cuidado e a dificuldade de acesso de populações tradicionais aos serviços de saúde evidenciam que o Sistema Único de Saúde (SUS) ainda enfrenta o desafio de materializar a equidade.

No caso dessas mulheres, a ausência de uma vigilância em saúde que considere as especificidades do trabalho artesanal resulta em uma “invisibilidade epidemiológica”, em que suas dores ocupacionais são tratadas como doenças genéricas, desconsiderando o nexo causal com o território. A negação da identidade profissional e a consequente precariedade de recursos tornam a jornada por diagnóstico e tratamento, que frequentemente exige o deslocamento entre a atenção básica e centros de referência de alta complexidade, um percurso marcado por interrupções e esperas que violam a continuidade assistencial.

Nesse cenário, o corpo "retalhado" pela patologia oncológica torna-se o local onde

se inscreve o ápice da desassistência, demonstrando que as mesmas barreiras burocráticas que dificultam o reconhecimento laboral e o acesso a benefícios sociais são as que impedem o diagnóstico precoce, silenciando o sofrimento dessas trabalhadoras e reduzindo sua trajetória de busca por cura a um labirinto de exclusão institucional (Oliveira et. al, 2024).

3.5 Coletivo como Espaço de Cura

“É esse sistema que me exclui e do qual eu estou junto com as companheiras existindo.” (A Força)

Essa frase dita pela companheira evoca a principal discussão que nasceu durante a pesquisa moldou as formas finais desse trabalho. Diante da insuficiência do Estado, as estratégias de enfrentamento residem na força do território e dos saberes tradicionais. As mulheres constroem seus próprios itinerários terapêuticos, mesclando serviços biomédicos com práticas ancestrais de cura (Oliveira et al., 2023).

Em contextos como o território Kalunga, Moreira (2024) destaca que as mulheres atuam como guardiãs de saberes, utilizando plantas medicinais contra a lógica excludente. Em Tamatateua, essa resistência é observada na organização coletiva, como o grupo "Mulheres Guerreiras", que funciona como dispositivo de cura, transição agroecológica e enfrentamento à "política de morte" (Félix-Silva et al., 2020; Silva et al., 2023). Essa conexão com o ambiente é geracional; a socialização na pesca começa cedo e fundamenta a identidade dessas "mulheres das águas" (Vieira, Reis & Santana, 2021).

Essa força coletiva ganha escala e profundidade com a articulação da Rede. Segundo Bardo *et al.* (no prelo), a organização dessas permite o compartilhamento de saberes e o fortalecimento do protagonismo feminino frente às opressões comuns vividas nas diferentes Reservas Extrativistas. Ao ocuparem espaços de decisão e formação, essas trabalhadoras transformam a Rede em um território político de mútua sustentação, onde a luta pelo reconhecimento da identidade pesqueira e a defesa do "maretório" funcionam como processos de cura para o silenciamento histórico imposto às mulheres da costa amazônica.

Apesar das marcas de dor, as falas das pescadoras apontam para o encontro com outras mulheres como a única forma de "preencher as lacunas" deixadas pelo trauma. O

engajamento em movimentos sociais, embora criticado pela família, é o que mantém a integridade psíquica. Como diz A Força:

"Eu faço todos os esforços para sair, andar, conversar, reunir com outras mulheres, organizar as mulheres para que esses espaços dentro da minha cabeça estejam sempre preenchidos com alguma coisa para eu não ficar me isolando do mundo."

A importância da Rede de Mulheres das Marés e das Águas reside, sobretudo, na sua capacidade de romper com o isolamento imposto pela violência doméstica e pelo estresse ocupacional. Essa articulação funciona como uma rede de apoio psicossocial e político, onde as mulheres compartilham estratégias de enfrentamento a múltiplas formas de violência, desde a agressão física no ambiente doméstico até a violência institucional que nega sua identidade de trabalhadoras (Bardo *et al.*, no prelo). Ao se organizarem, elas transformam o "cuidado", antes restrito ao lar, em uma prática política coletiva de proteção mútua.

Como percebe Silva et al. (2024a) no estudo com o coletivo das Mulheres Guerreiras, esse suporte de mulheres de forma coletiva vai além da assistência imediata: ele gera autonomia e autoconfiança, permitindo que as pescadoras e catadoras se percebam como sujeitos de direitos e agentes de transformação em seus territórios. Portanto, a Rede não é apenas um movimento social; é um dispositivo essencial de sobrevivência e resistência que permite a essas mulheres transmutar a dor e a invisibilidade em força política e saúde coletiva.

A percepção do coletivo como espaço de cura e fortalecimento em Tamatateua em analogia às observações de Silva et al. (2024a), que, em estudo com outro coletivo de mulheres (Mulheres Guerreiras), destacam como a organização de mulheres tem gerado novas possibilidades de transição agroecológica e autonomia política. Isso ocorre em coletivo. A Sacerdotisa refletiu o seguinte:

"Não é melhor eu me juntar com ela para a gente enfrentar o sistema que é machista, que é estúpido, né? Dizendo que nós existimos, que nós somos parte desse lugar, desse ambiente e queremos cuidar"

Assim, esse estudo com as mulheres da Rede reitera que o adoecimento em Tamatateua é o resultado de uma "produção de subjetividade colonial capitalística" que negligencia modos de vida tradicionais. Curar o corpo exige curar o território, preservar os manguezais (Lopes et al., 2013) e dismantelar as estruturas de invisibilidade que ainda pesam sobre o trabalho feminino na Amazônia. A saúde dessas mulheres é, em última análise, indissociável da luta pela garantia do território e pelo reconhecimento de sua dignidade enquanto trabalhadoras das águas, das matas e das marés (Reis, 2025).

4. Conclusão

A investigação sobre o adoecimento das pescadoras artesanais de Tamatateua, tecida por meio de cartografias corporais e pelo mapeamento do corpo território, revela que a dor não habita o corpo como um evento biológico isolado, mas como o registro final de uma violência estrutural que é, simultaneamente, laboral e de gênero. Ao desenharem suas trajetórias, essas mulheres denunciam que sua agonia nasce da desvalorização profunda de sua existência profissional. Relegadas ao papel de meras "ajudantes", elas são engolidas pela metáfora poderosa da "Máquina do Mundo".

Essa expressão evoca imediatamente o poema homônimo de Carlos Drummond de Andrade, no qual uma engrenagem implacável e autofágica se abre diante do caminhante, oferecendo uma explicação totalitária e fria da existência, mas exigindo em troca o esvaziamento da alma e a submissão ao destino traçado. Para as mulheres de Tamatateua, a "Máquina" de Drummond, não é uma abstração literária, mas a realidade concreta de um sistema que as enxerga como peças descartáveis. Ela opera no silenciamento ético: mói a identidade dessas mulheres para que a vida prossiga às custas de seu desgaste vital, esperando que elas, como o caminhante do poema, apenas "abaixem os olhos" diante da monumentalidade da exploração.

Essa engrenagem, contudo, tem gênero e classe, conforme as reflexões de Alexandra Kollontai (1872-1952), revolucionária russa, primeira mulher a ser ministra, com o título de Comissária do Povo, e uma das teóricas mais importantes do feminismo marxista. Kollontai foi pioneira ao defender que a emancipação feminina é impossível sem a destruição das bases capitalistas que lucram com o trabalho invisível doméstico e produtivo.

Ao discutir o "Dia da Mulher", ela nos lembra que a trabalhadora é o membro mais destituído de direitos da classe, oprimida não apenas como vendedora de sua força de trabalho, mas também como mãe e mulher. Em Tamatateua, a "ajuda" invisibilizada que gera o adoecimento é a face amazônica dessa opressão denunciada por Kollontai: uma estratégia para manter as mulheres na zona da "inconsciência" política, negando-lhes o status de trabalhadoras para limitar seu acesso à previdência e à saúde.

Os resultados desta pesquisa, ao descortinarem "cicatrizes invisíveis" e fragmentações mentais, mostram que a resposta das pescadoras à "Máquina" é a re-existência. O uso da cartografia corporal permitiu que elas retomassem a narrativa de suas vidas, subvertendo a lógica biomédica. A cura, portanto, não é meramente farmacológica; é um ato decolonial,

resultante da organização política. Como Kollontai afirmava, quando as mulheres trazem suas "reivindicações dolorosas e puramente femininas", elas não dividem o movimento, mas o fortalecem. Ao se organizarem na Rede de Mulheres das Marés e das Águas, essas mulheres transformam o cuidado em prática política. A coletivização, ancorada em saberes ancestrais e benzeções, preenche as "lacunas" deixadas pelo trauma e ergue uma barreira de proteção contra a lógica predatória da exploração.

Apesar dos avanços, o caminho para a justiça social ainda demanda novos horizontes. Resta-nos aprofundar o estudo sobre como o racismo estrutural impede que o sofrimento ético-político dessas mulheres seja reconhecido como doença do trabalho pelo Estado. É preciso entender, também, os impactos geracionais: como as filhas dessas pescadoras reagem à "Máquina do Mundo" em tempos de crise climática? Falta-nos investigar modelos de políticas públicas que não apenas tratem o sintoma, mas que fortaleçam as redes de cuidado coletivo já existentes. A ciência e o Estado devem, enfim, reconhecer que curar o território-corpo das "Mulheres das Marés e das Águas" é a única forma de garantir a integridade da própria Amazônia.

Para pesquisas futuras, é necessário ampliar a faixa etária das mulheres envolvidas na pesquisa para além de 20 a 64 anos, e incluir mulheres mais jovens com vida sexual ativa, bem como a comunicação com profissionais da saúde que estiverem envolvidos no contexto das comunidades tradicionais, isto é: que trabalhem nos postos de saúde dessas comunidades das mais diversas formas, possibilitando assim um olhar profissional da saúde dessas mulheres e de seus adoecimentos em contraponto às suas próprias percepções, mesclando os saberes empíricos e profissionais.

Não somente, há questionamentos que se erguem a partir dos resultados obtidos na pesquisa: Quais políticas públicas já existem referente ao acolhimento de saúde dessas mulheres (trabalhadoras, tradicionais)? Um levantamento mais aprofundado dessas questões pode aprofundar ainda mais o entendimento da percepção sobre o que essas mulheres acessam ou não, no contexto em que estão inseridas.

Os objetivos da pesquisa foram cumpridos e apontam para a importância da coletividade como forma de resistir às marginalizações fruto do capitalismo e do patriarcado, apontando a necessidade de enfrentarmos o racismo ambiental e avançar em relação ao lugar das mulheres do território dentro desta equação.

Em última análise, este estudo conclui que a saúde das mulheres amazônicas é uma questão de soberania e de defesa territorial. Para o SUS, o desafio é ético: avançar em

políticas de Vigilância Popular da Saúde que reconheçam o corpo dessas mulheres como um território sagrado de resistência.

E é justamente por isso que essas mulheres também buscam:

“[...] A gente resiste, mas a resistência também cansa. A gente precisa de políticas públicas que olhem para a nossa saúde de forma integral. Não é só tratar a ferida no pé ou a dor na coluna, é entender que o nosso adoecimento é fruto de um sistema que nos explora e nos invisibiliza. Queremos ser vistas como trabalhadoras, com direitos garantidos e com um sistema de saúde que entenda a realidade da mulher da pesca em Bragança.” (A Força)

5. Referências

- ANDRADE, Carlos Drummond de. A máquina do mundo. Escritas.org, [s. d.]. Disponível em: <https://www.escritas.org/pt/t/54234/a-maquina-do-mundo>. Acesso em: 24 jan. 2026.
- AURORA, Rd. A História do Tarot Waite: origens, símbolos e influências. [S. l.], 2025. Disponível em: <https://rdaurora.com.br/blog/tarot/a-historia-do-tarot-waite-origens-simbolos-e-influencias/>. Acesso em: 25 jan. 2026.
- BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BARDO, Liz; PAULO, Cristiana de; BARBOZA, Myrian Sá Leitão; BARBOZA, Roberta Sá Leitão. Um estudo sobre a Rede de Mulheres das Marés e das Águas do litoral do Pará. No prelo.
- BARNHILL, John W. Transtorno de estresse pós-traumático (TEPT). Revisão técnica de Mark Zimmerman. Kenilworth, NJ: Manual MSD: versão para profissionais de saúde, ago. 2023. Disponível em: <https://www.msmanuals.com>. Acesso em: 21 jan. 2026.
- BIROLI, Flávia. Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018.
- BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília, DF: CNS, 2012. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>. Acesso em: 01 Mar. 2026.
- BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Brasília, DF: CNS, 2016. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em: 01 Mar. 2026.
- COLECTIVO MIRADAS CRÍTICAS DEL TERRITORIO DESDE EL FEMINISMO. Mapeando el cuerpo-território: guía metodológica para mujeres que defienden sus territorios. Quito: Red Latinoamericana de Mujeres Defensoras de Derechos Sociales y Ambientales, 2017. 56 p.
- COLLINS, Patricia Hill. Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.
- COSTA, Miguel Alves da et al. A destinação e precificação do caranguejo-uçá: um estudo de caso na cadeia produtiva do *Ucides cordatus* na comunidade de

- Tamatateua-Bragança-PA. In: Anais do XVI SICOOPES & VII FECITIS. Castanhal: IFPA, 2023.
- CRUZ HERNÁNDEZ, Delmy Tania. Una mirada muy otra a los territorios-cuerpos femeninos. Solar, Lima, v. 12, n. 1, p. 35-46, 2016.
- FALCÃO, Ila Rocha et al. Fatores associados com os distúrbios musculoesqueléticos em pescadoras artesanais/marisqueiras em Saubara, Bahia, Brasil. *Ciência e Saúde Coletiva*, v. 24, n. 7, p. 2557-2568, 2019.
- FALCÃO, Ila Rocha et al. Prevalência dos distúrbios musculoesqueléticos nos membros superiores e pescoço em pescadoras artesanais/marisqueiras em Saubara, Bahia, Brasil. *Ciência e Saúde Coletiva*, v. 20, n. 8, p. 2469-2480, 2015.
- FASSARELLA, Simone Simões. O trabalho feminino no contexto da pesca artesanal: percepções a partir do olhar feminino. *Ser Social*, Brasília, v. 10, n. 23, p. 195-199, jul./dez. 2008.
- FEDERICI, Silvia. O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. Tradução de Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2019.
- FÉLIX-SILVA, Antonio Vladimir; OLIVEIRA, Maylla Maria Souza de; BEZERRA, Laís Leal da Silva. Cartografia da luta e resistência de uma comunidade de pesca artesanal. *Saúde em Debate*, Rio de Janeiro, v. 44, n. esp. 2, p. 303-315, jul. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-11042020E221>. Acesso em: 25 jan. 2026.
- FERRAZ, Vanessa Cabral Marins. Impacto da violência doméstica na saúde mental das mulheres moradoras de comunidade no Rio de Janeiro. 2024. 23 f. Artigo científico (Pós-Graduação) – Escola da Magistratura do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.
- GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, ANPOCS, p. 223-244, 1984.
- HOOKS, bell. O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras. Tradução de Ana Luiza Libânio. 29. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.
- IPEA - INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. Trabalho doméstico e de cuidados não remunerado. Brasília, DF: Ipea, 2023. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/retrato/indicadores/trabalho-domestico-e-de-cuidados-nao-remunerado/apresentacao>. Acesso em: 24 jan. 2026.
- KOLLONTAI, Aleksandra. O Dia da Mulher. Tradução de Maria Fernanda de Castro. Blog da Boitempo, 8 mar. 2017. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2017/03/08/aleksandra-kollontai-o-dia-da-mulher/>. Acesso em: 22 jan. 2026.
- KOLLONTAI, Aleksandra. A Mulher Nova. *Revista Bacuri*, [s. d.]. Disponível em: <https://revistabacuri.editorialadande.com/kollontai/>. Acesso em: 22 jan. 2026.

- LOPES, Elaine Cristina et al. Crescimento de mudas de mangue sob diferentes níveis de sombreamento na península de Ajuruteua, Bragança, Pará. *Acta Amazonica*, Manaus, v. 44, n. 1, p. 61-70, 2014.
- MARTÍNEZ, Silvia Alicia; HELLEBRANDT, Luceni (org.). *Mulheres na Atividade Pesqueira no Brasil*. Campos dos Goytacazes, RJ: EDUENF, 2019.
- MARTINS, Quéren da Silva. *A relação saúde-doença entre mulheres pescadoras artesanais de São Mateus, ES*. 2015. 169 f. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas e Desenvolvimento Local) – Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória, Vitória, 2015.
- MENÉNDEZ, Eduardo L. Modelos de atención de los padecimientos: de exclusiones teóricas y articulaciones prácticas. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 8, n. 1, p. 185-207, 2003.
- MOREIRA, Ana Luísa Coelho; CONCEIÇÃO, Maria Inês Gandolfo. *Corpos em evidência: contribuição do mapa corporal narrado em pesquisas com populações vulnerabilizadas*. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 36, e36nspe13, 2020.
- MOREIRA, Jorgeanny de Fatima Rodrigues. *Mulheres, Geografia e Saúde: plantas medicinais e benzeção como alternativas de cura no território Kalunga*. *Boletim Goiano de Geografia*, Goiânia, v. 44, e77972, 2024.
- OLIVEIRA, Euzébio de. *Avaliação socioambiental da comunidade de Tamatateua, Zona Costeira Amazônica Brasileira*. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*, ano 01, ed. 07, v. 05, p. 37-57, jul. 2016.
- OLIVEIRA, Marcelo do Vale; MANESCHY, Maria Cristina Alves. *Territórios e territorialidades no extrativismo de caranguejos em Pontinha de Bacuriteua, Bragança, Pará*. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Belém, v. 9, n. 1, p. 129-143, jan./abr. 2014.
- OLIVEIRA, Pâmela Scarlatt Durães et al. *Itinerários terapêuticos de mulheres quilombolas do norte de Minas Gerais, Brasil*. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 29, n. 3, e01762023, 2024.
- PAIM, Jairnilson Silva. *Reforma Sanitária Brasileira: contribuição para a compreensão e crítica*. Salvador: EDUFBA; Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2008.
- PEIXOTO, Vitor de Moraes; OLIVEIRA, Bruna Gomes de; LEITE, Davi Athaydes. *Desigualdade de gênero no acesso ao Seguro Defeso entre pescadores artesanais*. *SciELO Preprints*, 2024.
- PEREIRA, Ana Beatriz Nogueira. *Coletiva Mulheres da Quebrada: práticas de cuidados coletivos como estratégias de resistência a estruturas interligadas de opressão*. *Revista Eletrônica*, v. 30, e51631, 2025.

- REIS, Adriene de Nasaré Paixão. Mulheres que catam: um estudo das estratégias de saúde das mulheres catadoras de caranguejo-uçá na Amazônia costeira. 2025. 94 f. Dissertação (Mestrado em Linguagens e Saberes na Amazônia) – UFPA, Bragança, 2025.
- SANTOS, Marta Cristiane Ferreira dos. Sofrimento psíquico entre pescadores e marisqueiras da Baía de Todos os Santos e Baía do Iguape/BA. 2022. 181 f. Dissertação (Mestrado em Saúde, Ambiente e Trabalho) – UFBA, Salvador, 2022.
- SHIVA, Vandana. Ecofeminismo. Belo Horizonte: Luas Editora, 2021. 504 p.
- SILVA, Daniele de Sousa et al. “Eu me organizando posso desorganizar”: mulheres em coletivo na comunidade do Tamatateua. Nova Revista Amazônica, v. 12, n. 1, p. 23-44, 2024a.
- SILVA, Geovanna Sebastiana Machado et al. Impactos da violência contra a mulher no desenvolvimento de Transtorno de Estresse Pós-Traumático, 2024b. Disponível em: <https://repositorio-api.animaeducacao.com.br>. Acesso em: 23/12/2025.
- SOUSA, Thalita Adriana Ferreira de. Política ambiental costeira: uma análise do seu impacto em Bragança-PA. 2011. 149 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento) – UFPA, Belém, 2011.
- TIMMERMANN, Talita Abi Rios; BARBOZA, Roberta Sá Leitão; CABRAL, Károl Veiga. A dor, o trabalho e o ambiente: uma revisão sobre a saúde das mulheres das águas no Brasil. Áskesis, São Carlos, v. 13, n. 1, p. 98-120, 2024. No prelo.
- VERGÈS, Françoise. Um feminismo decolonial. Tradução de Jamille Pinheiro Dias e Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020.
- VIEIRA, Norma Cristina et al. Trabalho e gênero em comunidades extrativistas da costa paraense. Caderno Espaço Feminino, Uberlândia, v. 28, n. 1, p. 235-254, jan./jun. 2015.
- VIEIRA, Norma Cristina; COSTA, Nívia Maria Vieira. Mulheres que pescam: Marisqueiras ou pescadoras? In: BARBOZA, R. S. L.; VIEIRA, N. C.; SIQUEIRA, D. (org.). Desmantelando as fronteiras dos saberes na Amazônia. Curitiba: Appris, 2018. p. 109-122.
- VIEIRA, Norma Cristina; REIS, Maria Helena de Aviz dos; SANTANA, José Dias. Relações de gênero e de geração nas atividades de pesca artesanal dos/as jovens pescadores/as da Amazônia Oriental, Brasil. Cadernos de Gênero e Tecnologia, Curitiba, v. 14, n. 43, p. 170-186, 2021.
- VIEIRA, Norma Cristina; SIQUEIRA, Deis; DI PAOLO, Darcy. “O que é de mulher e o que é de homem”: relações de gênero na pesca artesanal, comunidade de Bonifácio, Amazônia Oriental, Brasil. Raízes, Campina Grande, v. 34, n. 1, p. 10-23, jan./jun. 2014

WAITE, Arthur Edward. Tarot Waite: cartas e livro. Curadoria de Giordano Berti. Turim: Lo Scarabeo, 2010. 1 baralho (78 cartas), color. Acompanha livro: La chiave pittorica delle carte (126 p.). EAN13 9788865270660.